

DIÁLOGO ENTRE MUSEU E COMUNIDADE – MUSEU DA CASA DE PORTINARI

Autora: Fabiana Cavalcante Lima da Silva ¹

RESUMO

O presente artigo propõe algumas reflexões sobre o relacionamento da comunidade de Brodowski com o Museu Casa de Portinari, considerando sua importante atuação para a sociedade brasileira, pois preserva a memória de Portinari, artista brasileiro modernista amplamente reconhecido. O desenvolvimento do presente estudo dá-se mediante o questionamento de como as pessoas, que vivem nas proximidades do museu, reconhecem sua atuação e importância para a cidade. São abordados dados históricos referentes à abertura do espaço museológico ao público, comunidade e o desenvolvimento destas instituições no Brasil juntamente com a política cultural adotada.

Palavras – chave: cidade, museus, comunidade, política cultural, Brodowski

ABSTRACT

The present article considers some insights into the relationship between the community of Brodowski and "the Casa de Portinari Museum", an important museum for the Brazilian society, for it preserves the memory of Portinari, a widely recognized modernist Brazilian artist. The development of the essay involves questions about the way people who live in the vicinity of the museum perceive its presence and importance for the city. The essay makes an approach to data on the opening of the museum for the public and community, and to the development of these institutions in Brazil, together with the cultural policy that was adopted.

Key-word: city, museum, community, cultural politics, Brodowski

RESÚMEN

El actual artículo considera algunas reflexiones acerca de la relación entre la comunidad de Brodowski con el Museo Casa de Portinari, notable museo para la sociedad brasileña, puesto que preserva la memoria de Portinari, artista extensamente reconocido del modernismo brasileño. El desarrollo del artículo cuestiona como de las personas, que vive en la cercanía del museo, reconoce su actuación e importancia para la ciudad. El artículo tiene informaciones acerca de la abertura del museo al público, la comunidad y el desarrollo acerca del museo en el Brasil junto con su política cultural.

Palabras - llave: ciudad, museos, comunidad, política cultural, Brodowski

¹ Graduada em Licenciatura em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes, São Paulo e Pós-Graduada em História da Arte, pela Universidade São Judas Tadeu, São Paulo; em Museologia, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (MAE/USP) e em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, pelo Centro de Estudos Latino-Americanos, Universidade de São Paulo (Celacc/USP). Orientadora: Prof. Dra. Soledad Galhardo

INTRODUÇÃO

O campo de pesquisa e atuação da museologia é bastante vasto e o papel social dos museus é altamente discutido, inclusive a política cultural adotada pelo atual Ministério da Cultura coloca-os em lugar de destaque.

Mas o que pensa aquele humilde cidadão que se encontra fora destes embates intelectuais? Qual é o seu relacionamento com uma instituição, situada ao lado de sua casa, concebida, não por ele em específico, mas para a preservação da cultura, da história e o de um patrimônio de sua cidade?

Apesar das inúmeras abordagens possíveis, este estudo manteve seu enfoque nas questões culturais e patrimoniais, considerando que todo o tipo de patrimônio é digno de preservação, pois é útil para a identificação cultural e percepção crítica.

A metodologia aplicada caracterizou-se pela dialética confrontando a teoria com a realidade percebida por meio da realização de entrevistas semi-estruturadas.

Foram abordados conceitos referentes à cidade, comunidade, cultura, memória, patrimônio, museologia e política cultural. Tendo como principais autores: Alessandrini Carlos (2007; 2001), Ferreira (2007); Grinspum (1991), Guarnieri (1989; 1990), Julião (2006), Nascimento Junior e Chagas (2006), Tojal (2007); Varine-Bohan (2000), dentre outros.

Para o trabalho de campo foi escolhido o Museu Casa de Portinari devido suas características e localização. Situado em uma pequena cidade do interior de São Paulo, pressupõe-se que ritmo da população favoreça um maior contato e participação com o museu. Além disso, o Museu Casa de Portinari é uma instituição de porte pequeno, sendo menos complexa para sua compreensão.

O primeiro tópico aborda: a cidade, o museu e a comunidade. A cidade é por excelência um dos locais de atuação dos museus e geradora das substâncias com as quais ele trabalha. O museu e a comunidade são analisados de forma conjunta, por meio do histórico de seu relacionamento, destacando a política cultural desenvolvida no Brasil.

No próximo tópico são apresentados a cidade de Brodowski e o Museu Casa de Portinari contendo um breve histórico de cada um, sendo que em relação ao museu é dado a conhecer sua estrutura de funcionamento.

Em seguida são demonstrados os resultados do trabalho de campo e suas possíveis interpretações.

1. A CIDADE, O MUSEU E A COMUNIDADE.

1.1. Na Cidade

Independentemente da cidade ter um ritmo pausado ou acelerado, ela é lugar da experiência do cotidiano que produz relacionamentos, memórias, história e cultura.

Miranda (1995, p.07) coloca a cidade como “*palco da experiência cotidiana. A vida das pessoas, os seus projetos de felicidade e as suas vicissitudes transcorrem sobre o seu solo sedimentado de história e de memória, de suor, trabalho e festa.*”.

O cotidiano é apresentado por Ferreira (2007, p.113) como práticas concretas exercidas tanto sobre o visível e palpável, homem e natureza, ou sobre o invisível divinizado, caracterizando-o por:

(...) lócus de reprodução dos meios de substância material e simbólica, o lugar fundamental de constituição da cultura em sentido amplo (...) A cotidianidade é ainda o cenário do devir histórico, no qual seus efeitos são incorporados à vida social.

As ações de cada dia caracterizam a cultura e permitem o nascimento da história. Conceitos tão abstratos se fazem concretos por meio do cotidiano e Guarnieri (1990, p.09-10) declara que “*Cultura e História são indissociáveis: cultura é a substância da História e o Histórico se relaciona com o Cultural*” e define cultura como “*o fazer e o viver cotidiano*”.

Santos (2006, p.69) coloca que os resultados materiais das ações humanas (cotidianas, culturais e históricas) acumulado pelo tempo e o dinamismo e funcionalidade das ações atuais define um Espaço. O homem faz e anima o espaço da cidade.

Geralmente quando uma cidade é comentada, primeiramente são passados dados estatísticos sobre localização, número de habitantes, empresas, indústrias ou serviços existentes, que considerados de forma isolada, trazem apenas uma faceta da cidade, pois deixam de lado traços característicos da população que ali reside ou residiu.

Segundo Alessandrini Carlos (2001, p12) a noção de cidade ganha maior amplitude quando é refletida a partir da “*historicidade do processo de constituição do espaço urbano*” e demonstra que é possível perceber uma nova dimensão quando a cidade quando é refletida a partir de uma realidade urbana onde o uso, o prazer, os lugares de encontro revelam seu significado.

Dentro da cidade, conforme Alessandrini Carlos (2007, p.17-18), há lugares que são base da reprodução da vida e se caracterizam por uma relação em tríade “*cidadão – identidade – lugar*”, realizando-se por meio da cultura, da tradição, dos hábitos e da história.

O bairro, a vizinhança, a praça, a rua, o lar, o trabalho são lugares comuns, cotidianos que geram saberes e vínculos de acordo com o uso tanto para a pessoa como para a sociedade, são lugares que guardam memórias.

Para Jeudy (1990, p.17) a memória de uma cidade se caracteriza tanto pelo cotidiano, porque é vivida nos percursos de ruas, das praças e pelo monumental, pois é articulada em torno de marcos usuais, simbólicos e referenciais.

À medida que lugares comuns, incluindo os relacionamentos, objetos e saberes nele vivenciados e produzidos, ganham significação², Guarnieri (1990, p. 8-10) coloca que “*entram para nossa hierarquia de valores (...) passam a bens, transfigurando-se(...) patrimônio cultural*” surgindo, assim, o desejo de preservar.

A salvaguarda do patrimônio cultural permite a construção da memória, proporcionando o reconhecimento das características próprias, locais ou nacionais, a identidade cultural, que está fortemente “*ligado à auto – definição, à soberania, ao fortalecimento de uma consciência histórica*”. (Guarnieri, 1990; p.10)

A preservação “*reflete na criação de lugares da memória*”. (Baller, 2007; p01). Vaz (2006, p.169 e 242) demonstra que os lugares de memória apresentam - se como referências que estruturam a memória individual inserindo-a em uma coletividade e apresenta categorias para estes lugares como topográficos (arquivos, bibliotecas e museus), monumentais (arquiteturas), simbólicos (comemorações, peregrinações, aniversários) e funcionais (manuais, autobiográficos ou associações).

Os lugares da memória preservam o patrimônio cultural, seja material (lugares e objetos) ou imaterial (saberes), não estando somente ligado a uma temporalidade estanque e passada, pois ele nasce da dinâmica do espaço a qual a cidade está inserida e se atualiza constantemente por meio das relações cotidianas, culturais e históricas. Varine (2007, p.07) conclui que:

Um patrimônio é uma coisa herdada, enriquecida e transformada, transmitida. É importante para o passado: ele materializa a genealogia do indivíduo e da comunidade. É importante para o presente, pois alimenta a cultura viva da qual é fundação. É importante para o futuro no que ele constitui um recurso a ser gerido e explorado.

² Segundo Guarnieri (1990, p.8) a significação em termos de documentalidade (contar e ensinar algo a alguém), testemunhalidade (atestar, certificar algo de alguém, fato ou coisa) e fidelidade (veracidade).

1.2. O Museu e a Comunidade

O museu contemporâneo, segundo Chagas e Nascimento (2006, p.13), concilia diversas funções, sendo percebido como “*casa de memória*”, relacionado a ações preservacionistas; “*lugar de referência*”, por trazer representações simbólicas universais, nacionais, regionais, locais, étnicas e/ou individuais; e “*espaço de mediação ou comunicação*”, por oferecer atividades para o público em geral.

O Departamento de Museus e Centros Culturais do Ministério da Cultura (IPHAN) define MUSEU como “*instituição com personalidade jurídica própria(...), aberta ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento*” com as seguintes características: Em relação ao trabalho museológico – vocação para a comunicação, exposição, documentação, investigação, interpretação, preservação e conservação dos bens culturais em suas diversas manifestações. Em relação ao público – disponibilização do patrimônio cultural (acervos) e exposições para o serviço à comunidade, utilizando-o como recurso educacional, turístico e de inclusão social, favorecendo a democratização do espaço, acesso, uso e produção de bens culturais, com finalidade de promover a dignidade humana e propiciar a construção identitária, à percepção crítica, a produção de conhecimentos e oportunidades de lazer.

Estas atribuições dadas hoje aos museus correspondem a uma trajetória histórica, passando de lugares restritos a um grupo seletivo para o serviço à comunidade e público.

Guarnieri (1989, 8-9) identifica cinco momentos significativos no histórico destas instituições: O primeiro momento é marcado pelos museus na Antiguidade, locais reservados à contemplação e aos estudos científicos e filosóficos; o segundo momento acontece na Renascença, formação de vastas coleções, colecionismo, símbolo do poderio econômico e político; o terceiro momento consolida a concepção moderna de museu embasado pelos ideais da Revolução Francesa; o quarto momento destaca-se pela proliferação e diversidade dos museus, e o quinto momento aparece como consequência do quarto, a atualidade.

Julião (2006, p.20) enfatiza a origem grega da palavra museu (*mouseion*), referência ao templo das nove musas, ligadas a diversos ramos das artes e da ciência, filhas de Zeus, representação do poder, com Mnemósine, divindade da memória.

Chagas (2002, p.52) em relação a este mito percebe estas instituições como articuladoras entre o poder e a memória, podendo ser “*espaços celebrativos da memória do poder ou equipamentos interessados em trabalhar com o poder da memória*”, destacando que a constituição destes espaços decorre da vontade política de indivíduos e grupos, representando a concretização de determinados interesses que variam no decorrer da história.

Exemplifica, Chagas (2002, p.38-39), que com a Revolução Francesa, a burguesia triunfante organizou marcos de memória (datas, heróis e monumentos) articulados com um novo conceito de nação. Julião (2006, p.21) completa referindo-se a instauração de um “*espírito nacional*”, baseado nos ideais revolucionários, reafirmando a unidade política, social e econômica da nação, através do conhecimento histórico, empregando um sentido de antiguidade e sentimento de nacionalidade por meio dos museus.

Após a Segunda Guerra Mundial, o relacionamento dos museus com a sociedade começa a modificar, pois, na mesma década, os Estados Unidos apresentam a experiência de um “museu dinâmico” que além de abrigar coleções especializadas nas mais diversas áreas do conhecimento, passam a atrair um público diversificado para atividades educativas, de lazer, concertos e debates.

Nas décadas de 60 e 70, debates sobre democratização da cultura e luta pelos direitos das minorias, envolvem as reflexões em torno do papel dos museus. Em 1984, surge o Movimento Internacional da Nova Museologia (Minom), em Quebec, Canadá, propondo a quebra de certos paradigmas museológicos. O museu não deve estar a serviço dos objetos de sua coleção, mas a serviço do homem, da educação, identificação, confrontação, conscientização. Para Varine (2000, p. 27) o trabalho com a comunidade não deve acontecer de forma unilateral. É necessário que sejam partilhados problemas e valores. O museu pode ajudar a comunidade a se revelar, a tomar confiança em si, fazendo emergir interlocutores, parceiros, líderes comunitários, cooperativas, associações.

Grinspum (1991, p.19-20) observa que além de iniciativas comunitárias, também deve se considerar a crescente mercantilização dos museus por meio da apropriação dos meios de comunicação de massa e meios tecnológicos que, muitas vezes, refletem “*o abandono do tempo do olhar, a perda do vínculo com uma de suas primeiras funções: o espaço para contemplação*”.

Julião (2006, p.27-28) conclui que estas novas concepções fazem o museu assumir um compromisso com a cultura de forma abrangente ampliando o patrimônio a ser preservado. Deixam de ser meros espaços de reprodução da memória e concepções das elites e passam a assumir questões cotidianas, procurando cada vez mais atender um público diversificado como crianças, jovens, idosos, deficientes físicos.

1.3. Museus e o Brasil

A origem dos museus brasileiros data do século XIX, entre as iniciativas culturais proporcionadas pela vinda da família real.

Segundo Grisnpum (1991, p.11) os museus brasileiros refletiam ideologias colonialistas européias, nos quais foram transferidos sua estrutura arquitetônica calcada no modelo grego romano e seus ideais enciclopédicos e nacionalistas.

Julião (2006, p.20-22) comenta que a questão nacional ganha maior evidência com a criação do Museu Histórico Nacional (MHN) e a presença do intelectual jornalista Gustavo Barroso, diretor do museu citado. Por meio dele, organizou-se uma política pedagógica, baseada no conhecimento de fatos e personagens históricos, incentivando o culto, a tradição, a legitimação da unidade e progresso da nação. Este modelo foi transplantado para outras instituições, devido a instalação de um curso de museologia sob a orientação do mesmo.

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN, criado em 1937, foi um marco no processo de institucionalização de uma política cultural para o país, desenvolvendo uma série de práticas, conceitos e procedimentos em relação à proteção aos monumentos e sítios históricos brasileiros. Porém, Julião (2006, p.24) comenta que sob a orientação de Rodrigo de Melo Franco de Andrade o museu ainda permanecia com *“um conceito de patrimônio restritivo, associado ao universo simbólico das elites, á idéia hierárquica da cultura e ao critério exclusivamente estético dos bens culturais.”*

Um ano antes da criação do SPHAN, destacou-se a figura de Mário de Andrade, que elaborou um anteprojeto para o SPHAN com a pretensão de ampliar e reconhecer as diversificadas manifestações da cultura brasileira (JULIÃO, 2006; p.24). Segundo Tojal (2007, p.61) Mário de Andrade deixou uma importante contribuição para os projetos de políticas públicas em museus brasileiros ao considerá-los como importantes espaços de ação educativa e preservação da cultura do povo. Embora esta visão não tenha sido aceita na época, retomada mais adiante com as ações desenvolvidas no Centro Nacional de Referência Cultural, com a atuação de Aloísio Magalhães, na década de 70. (TOJAL, 2007; p.62-63)

Em 1976, deu-se início a formulação das propostas para a criação do Sistema Nacional de Museus, com o objetivo de organizar as atividades dos museus brasileiros.

Na década de 80, Tojal (2007, p.63) destaca o tema da modernização capitalista que passa ser predominante no discurso das propostas museológicas do país. O ministro da cultura, Celso Furtado, incentiva o viés mercadológico, adotado pelos museus americanos abertos aos investimentos econômico-capitalistas, inserindo os museus brasileiros nesse contexto. Como exemplo cita, as lojinhas de museu e os apoios vindos de leis de iniciativa a cultura e da iniciativa privada.

Nas últimas décadas vê-se um crescimento cada vez maior das instituições culturais e museológicas, em decorrência das possibilidades de aplicação de investimentos nas áreas culturais beneficiadas pelas leis de incentivo pelas leis de incentivo à cultura.

Dentro desse quadro de crescimento e maior visibilidade de políticas culturais museológicas, inserem-se as bases para a política nacional de museus propostas, em 2003, pelo ministro Gilberto Gil Moreira, tendo por objetivo geral:

Promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento a criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnicas e cultura do país.

Nascimento e Chagas (2006, p.14) concluem que os museus tornam-se cada vez complexos, por estarem envolvidos com a criação, comunicação, afirmação de identidades e preservação de bens culturais, conquistando novos espaços na vida social brasileira, por isso mesmo, um novo lugar na agenda da política cultural do país.

2. BRODOWSKI E O MUSEU CASA DE PORTINARI

A história de Brodowski encontra-se unida aos trilhos da Companhia Mogiana de Estrada de Ferro. Conforme Corrêa (1986, p.26) após a abertura da Estação de Batatais, o Cel. Lucio Enéas Fagundes de Melo doou à ferrovia a área necessária à construção de uma estação em suas terras. A estação recebeu o nome de Engenheiro Brodowski, em homenagem ao engenheiro polonês e inspetor geral, Alexandre Brodowski. A inauguração da estação deu-se no dia 05 de setembro de 1894 e marca nascimento da cidade de Brodowski³.

Em 1907, segundo Corrêa (1986, p.212), a família Portinari veio da fazenda Santa Rosa para Brodowski. Em 1916, mudou-se para uma casa perto da antiga Igreja Matriz, que mais tarde, viria ser o Museu Casa de Portinari.

Cândido Portinari viveu, nesta casa, apenas dois anos e em 1918, dirigiu-se ao Rio de Janeiro para dar início a sua carreira artística, sempre retornando conforme as possibilidades. Nas paredes da casa, executou várias obras em pintura mural, nas técnicas de afresco e têmpera. Decorou, inclusive, a Capela da *Nona*, mundialmente conhecida, por ter sido feita para uso de sua avó paterna que não podia ir à igreja. (CORRÊA, 1986; p.214-215)

³ Brodowski permaneceu distrito da cidade de Batatais por 19 anos. Sua emancipação como município aconteceu no ano de 1913. (CORRÊA, 1986; p.25-26)

Segundo Vaz (2006, p.252) Portinari recebia freqüentes visitas de amigos, autoridades políticas e pessoas curiosas vindas dos mais diferentes locais do país.⁴ Gradativamente, a casa passou a servir como referência a respeito do artista, cuja importância já era reconhecida, antes mesmo de sua morte, em 1962.

Além disso, dentre de vários fatores que contribuíram para a instauração do Museu, pode-se destacar o relacionamento que Portinari tinha com personalidades ilustres do cenário político-cultural da época, dentre eles: Gustavo Capanema, Mario de Andrade, Lucio Costa, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Menotti Del Picchia, sendo os dois últimos, fundamentais no processo de tombamento da casa. (VAZ, 2002; p.163)⁵

Em 1970, o Museu Casa de Portinari foi inaugurado, constituído de uma casa principal, dois anexos e uma capela. A entidade mantenedora é a Secretaria de Estado da Cultura, vinculado ao Departamento de Museus e Arquivos (DEMA)⁶.

Vaz (2006, p.266) comenta que a intenção do museu desde a sua inauguração “*era ter o dia-a-dia e os hábitos de Portinari como temas*”, buscar reproduzir a simplicidade, o gosto pela convivência em família e o amor à arte “*à qual dedicou um espaço especial no interior da residência.*”⁷

O Museu Casa de Portinari apresenta duas vertentes: artística e biográfica. Na primeira, o acervo artístico constitui-se, pelos trabalhos realizados pelo artista em pintura mural, nas técnicas de afresco e têmpera. Na segunda, estão expostos objetos de uso pessoal do artista, documentos e o histórico de sua vida.

Conforme documentação, o museu objetiva a implementação de uma política cultural que estimule o fazer e a fruição artística, juntamente, com o conhecimento das questões relacionadas ao artista e seu tempo, por meio da prática museológica (coleta, pesquisa, divulgação, exposições, ação educativa, preservação e conservação) proporcionando o

⁴ Vaz (2006, p.212) comenta que o próprio artista recebia estas pessoas. Depois quando suas idas a Brodowski passaram a ficar mais raras e também por seu estado debilitado de saúde, seus pais começaram a conduzir os visitantes por seu universo particular. Após a morte do artista e a mudança da família para Ribeirão Preto, fez com que sua irmã Tata, moradora da casa ao lado, recebessem os visitantes da casa.

⁵ Em sua pesquisa Vaz (2002) relata o processo de tombamento do Museu Casa de Portinari, por meio da análise de correspondências do artista e jornais da época evidenciando, que após sua morte, vários setores mobilizaram-se como a comunidade e autoridades locais, a imprensa e pessoas atuantes tanto no cenário artístico como político da época.

⁶ A desapropriação e o tombamento iniciaram em 1968 pelo IPHAN e no ano seguinte, a casa foi adquirida e tombada pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo). Devido a demora no processo, seu acervo ficou bastante deteriorado pela ação do tempo, sendo necessário um trabalho de restauração, em 1971.

⁷ Além da instituição do museu como forma de preservação da memória de Portinari, Corrêa (1986, p.219-220) registra em 1975, a oficialização da Semana de Portinari com o objetivo de promover a memória e a obra de Portinari e difundir o gosto pela arte.

desenvolvimento de conceitos referentes à cidadania, memória, identidade a fim de constituir-se um dos principais centros de referência sobre Portinari.

Em relação à educação patrimonial, desenvolve projetos como: atendimento a escolas municipais e de outras localidades, sendo que as primeiras são visitadas pelos educadores do museu; projeto de acessibilidade e inclusão; atividades desenvolvidas na praça Cândido Portinari como Férias no Museu, direcionado as crianças e seus familiares, Desenhando no Museu e Domingo com Arte; oficinas de pinturas; turismo cultural, por meio de placas indicativas sobre a localização das obras de Portinari e a Semana de Portinari em parceria com a Prefeitura de Brodowski apresentando atividades como exposições, concursos de pintura em tela e mural, encontro com artistas plásticos. (entrevista concedida ao autor em 18/07/2009)

Os projetos realizados pelo museu são, em sua maioria, proporcionados pela Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari - ACAM PORTINARI, fundada em 1996, voltada ao desenvolvimento da área cultural, particularmente, a museológica mediante a colaboração técnica operacional e financeira visando o desenvolvimento do Museu Casa de Portinari e outros espaços museológicos no interior do Estado de São em parceria com a Secretária de Cultura do Estado de São Paulo⁸. (entrevista concedida em 04/08/2009)

Cristiane Maria Patrici, educadora do Museu Casa de Portinari, conclui que:

O Museu Casa de Portinari entende e realiza seu papel sócio-cultural, notadamente com projetos de acessibilidade e inclusão social, da promoção da cultura da paz e do respeito a si próprio, ao outro e à natureza, tendo nas obras de Candido Portinari e na sua mensagem de celebração à humanidade instrumentos e ferramentas de reflexão e ação para a cidadania.

(entrevista concedida ao autor em 04/08/2009)

3. TRABALHO DE CAMPO

A metodologia aplicada configura-se de forma dialética, confrontando os conceitos teóricos com a realidade percebida.

A principal estratégia utilizada foi a entrevista semi-estruturada, cujo principal objetivo, além de obter informações, foi perceber as opiniões e pontos de vista dos moradores acerca da importância que o museu exerce na cidade de Brodowski. Além dos moradores,

⁸ Além do Museu Casa de Portinari, em Brodowski, a ACAM Portinari passou a ser responsável também pela gestão dos seguintes espaços culturais: Casa da Cultura Paulo Setúbal, em Tatuí, Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos, em Amparo, Museu Histórico e Pedagógico Conselheiro Rodrigues Alves, em Guaratinguetá, Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, em Piracicaba, Museu Histórico, Folclórico e Pedagógico Monteiro Lobato, em Taubaté, e Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuíre, em Tupã.

também foram entrevistados alguns visitantes de outras cidades, pois o museu se destaca como importante pólo turístico e atrativo da região. Em relação ao Museu Casa de Portinari, foram entrevistadas duas educadoras, sendo que uma foi pelo método da entrevista semi-estruturada e a outra por um questionário escrito.

As entrevistas com moradores e visitantes concentraram-se na Praça Cândido Portinari, realizadas de modo aleatório, mas no geral, as pessoas abordadas do lado esquerdo da praça, próximas ao Museu Casa de Portinari, eram visitantes de outras localidades e as abordadas do outro lado, eram moradores da cidade.

3.1. Interpretação dos Dados

3.1.1 Visitantes de outras localidades

Os entrevistados eram tanto do interior paulista, como de São José dos Campos e Ribeirão Preto e de outros estados brasileiros, no caso da coordenadora de escola, Regiane, em visita com os alunos, de Fortaleza de Minas, Minas Gerais.

Embora as razões das visitas sejam diversas, passeio familiar ou visita escolar, é evidente a importância e valorização que os visitantes dão ao artista e conseqüentemente a cultura brasileira. Edson Casado faz o seguinte comentário:

Com certeza isso é cultura, a cultura brasileira precisa ser valorizada um pouco mais, até mesmo para os nossos filhos. Meu filho tem 8 anos e eu faço questão de mostrar para ele, assim como ele me lembrou (...) porque isso é base para vida.
(entrevista concedida ao autor em 18/07/2009)

O Museu Casa de Portinari desenvolve atividades caracterizando-se como lugar de memória, de representação simbólica e de mediação e comunicação, cumprindo o seu papel propiciando a valorização do patrimônio, revitalização e a criação de novos significados, por meio do turismo cultural e educação patrimonial.

3.1.2 Moradores de Brodowski

Diferente dos visitantes, os moradores destacaram questões que vão além da valorização e revitalização do patrimônio referente à Portinari, refletem sobre a inserção do museu na dinâmica da cidade e a importância de Portinari para a memória local.

Com referência à memória local, Dona Carmem descreve a ligação que sua família teve com a família de Portinari e conclui:

(...) meu avó (...), foi amigo de infância de Portinari, meu pai fala que desde pequenininho fazia [ele] desenho na terra, ele ficava olhando nas pessoas e

*desenhava o rosto das pessoas na terra, na areia (...)*Acho importante ter o museu, as coisas dele ficou tudo aí, de vez em quando eu venho aí, mas é difícil...
(entrevista concedida ao autor em 18/07/2009).

A entrevistada declara que a convivência com a família Portinari fez parte de sua memória, conseqüentemente da memória local que é resgatada pelo museu, embora ela própria admita que participe muito pouco das atividades propostas pelo museu.

Em consonância a esta opinião, Dona Ana declara a importância do museu para a cidade, como pólo de turismo cultural e entretenimento, inserido na dinâmica da comunidade:

Para mim é muito importante o museu. Sempre no final de semana vem turismo e é uma diversão para gente também e para as crianças, eu acho muito bom. Eu levei meu neto outro dia para brincar, minha vizinha trouxe a menina dela também, achamos muito bom, gostoso, acho legal.

(entrevista concedida ao autor em 18/07/2009).

Abordando o mesmo item referente ao turismo cultural, Eliane percebe que pode haver melhoras e beneficiar a cidade com maior geração de rendas, por meio da economia criativa:

Acredito que se tivesse um fluxo maior de pessoas seria importante, de segunda a domingo uma visitação constante e boa que trouxesse recursos financeiros.

(entrevista concedida ao autor em 18/07/2009).

Em continuação, ela faz referência ao atendimento escolar e percebe que o museu é bem visitado pelas escolas, embora, segundo ela, a comunidade não participe tanto das atividades:

O museu é bem visitado principalmente pelas escolas e alunos. A comunidade não visita tanto, são mais as pessoas de fora(...).

(entrevista concedida ao autor em 18/07/2009).

Para Romário e Rita o museu proporciona identidade para a cidade a partir da preservação do patrimônio referente à Portinari, mas não comentam a atuação do museu no cotidiano da cidade.

“ Para te falar a verdade a cidade só é conhecida por causa do museu e dele, Portinari. A realidade é essa, se não fosse à terra de Portinari, a cidade era como essas outras... O nome da cidade era para ser Portinari. Se fosse Portinari, era reconhecida mais ainda, Brodowski”.

(entrevista concedida ao autor em 18/07/2009).

Diferente dos demais, senhor Malaguti, encontra-se muito preocupado com a concretude das ações públicas, do cotidiano e com a preservação da memória da história local.

(...)o fundador de Brodowski está enterrado aí , ninguém queima uma vela para ele no dia de finados, era para ter aqui a praça em homenagem ao fundador, ninguém fala no homem . Está certo [Portinari] foi um pintor, mas nada fez para a cidade(..) (entrevista concedida ao autor em 18/07/2009).

3.1.3. Museu Casa de Portinari

Em relação ao relacionamento da comunidade com o museu, ambas educadoras declaram que a comunidade visita museu, prestigiando suas atividades e oferecendo serviços voluntários. Por sua vez, a instituição responde com o desenvolvimento de ações que favoreçam a utilização do espaço pela comunidade. Cristiane declara:

O Museu Casa de Portinari desenvolve seus projetos e atividades sempre pensando em seu público (atual e futuro), (...) de acordo com as necessidades e características locais e regionais, sempre fazendo uso de temas de interesse e relevância social, educacional e cultural; a comunidade oferece sua participação e colabora de forma voluntária com muitos projetos desenvolvidos pelo museu. Ex.: Pintura Mural, Exposições (atividades realizadas durante a Semana de Portinari), os moradores da cidade oferecem os muros de suas residências para a realização da atividade de Pintura Mural e os Clubes de Serviços e Clubes de “Terceira Idade” colaboram com o atendimento ao público durante as Exposições Temporárias. (entrevista concedida em 04/08/2009)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi comentado, a salvaguarda do patrimônio cultural permite a construção da memória coletiva, originada pelo cotidiano que, por sua vez, permite a identificação com certos aspectos, a identidade cultural.

O museu, além de favorecer a preservação e conservação em si de determinado patrimônio, disponibiliza-o para a comunidade por meio da documentação, comunicação, exposição, educação patrimonial como recurso educacional, turístico e de inclusão propiciando a utilização da memória em favor da percepção crítica, produção de conhecimento e lazer.

O Museu Casa de Portinari proporciona que o patrimônio referente à Portinari seja apropriado e resignificado pela comunidade e pelos visitantes de outras localidades, tornando-o um recurso a ser gerido e explorado pelo turismo cultural.

A comunidade é receptiva ao museu e o percebe como um organismo vivo e atuante na cidade, embora alguns não participem desta dinâmica.

O estudo também evidenciou outros aspectos referentes à administração do poder público e a forma como a memória da história local é tratada. Aspectos estes que podem ser sanados por meio de uma política cultural e pública que enfatize a história local da cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

5.1 Livros

ALESSANDRINI CARLOS, Ana Fani. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Edição eletrônica/LABUR, 2007. Disponível no site

http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/O_lugar_no_do_mundo.pdf, acessado em 15/06/2009

_____. *Espaço-tempo na metrópole*. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

BRASIL, Ministério da Cultura. *Política Nacional de Museus: Memória e Cidadania*. Maio de 2003. Disponível no site:

http://www.museus.gov.br/downloads/Pol%C3%ADtica_Nacional_de_%20Museus.pdf,

acessado em 20/06/2009.

CORRÊA, Ariovaldo. *Brodowski: Minha Terra e Minha Gente*. São Paulo: Ed. Pannartz, 1986.

JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do Social*. Rio de Janeiro: Ed.:Forense Universitária, 1990

SANTOS, Milton, *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4. ed. São Paulo: Ed.:Universidade de São Paulo, 2006.

5.2. Artigos

BALLER, Gisele Inês. *Museu como espaço de identidade*. Disponível no site http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=13615, acessado em: 01/06/2009.

BRASIL, Ministério da Cultura/ IPHAN. *Definições de Museu*. Disponível no site http://www.museus.gov.br/oqueemuseu_apresentacao.htm, acessado em 01/06/2009.

CHAGAS, Mário de. Memória e Poder: dois movimentos, *Cadernos de Sociomuseologia*, n.19, p.35 – 67, 2002. Disponível no site

<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/367>, acessado em 18/06/2009.

FERREIRA, Maria Nazareth. Os desafios da produção científica no neoliberalismo: as culturas e a comunicação subalternas. *Revista Comunicação & política*, v. 25, n.1, p.101-120, jan/abril. 2007. Disponível no site:

<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/01ART05%20Maria%20Nazareth.pdf>, acessado em 03/06/2009.

GUARNIERI, Waldisa Russio. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e preservação. *Cadernos de Museologia*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 7 - 12, 1990.

_____. Museu, museologia, museólogos e formação. *Revista Museologia*, v.1, n.1, p.7-11, jul/dez, 1989.

JULIÃO, Letícia. Apontamento sobre a História do Museu. *Cadernos de diretrizes Museológicas*, 2006 p.19-31. Disponível no site

http://www.museus.gov.br/downloads/cadernodiretrizes_segundaparte.pdf acessado em 05/02/2009.

MIRANDA, Danilo Santos de. Apresentação. In: FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. *São Paulo: Espaços Públicos e Interação Social*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1995.

NASCIMENTO JUNIOR, José do; CHAGAS, Mario. Museu e Política: apontamentos de uma cartografia. *Cadernos de diretrizes Museológicas*, 2006 p.13 -17.

VARINE - BOHAN, Hugues de. A nova museologia – ficção ou realidade. *Museologia Social*, 2000, p.22 – 33.

_____. Patrimônio e Cidadania. *Museologia Social*, 2000, p. 6-10

5.3. Dissertações

GRINSPUM, Denise. *Discussão para uma proposta de política educacional da divisão de ação educativo-cultural do Museu Lasar Segall*. 1991, p. 138. Dissertação (Mestrado em Artes) USP. São Paulo

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus*. 2007, p. 322 Dissertação (Doutorado em Ciência da Informação) ECA/USP. São Paulo. Disponível no site

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/>, acessado em: 04/08/2009

VAZ, Thais Fátima de, *Casa de Portinari, lugar de memória*. 2006, p. 176, Dissertação (Mestrado em História) UNESP. Franca

Disponível no site <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp024061.pdf>, acessado em: 28/06/2009.

5.4. Sites pesquisados

Sistema Brasileiro de Museus - <http://www.museus.gov.br/>

Associação Cultural de Amigos do Museu Casa de Portinari - <http://www.acamportinari.org/>

Museu Casa de Portinari - <http://casadeportinari.com.br/>